



“TODOS OS DIAS SE REINVENTA A ESCOLA”

Diz que ser professor exige qualidades intelectuais e afetivas “especiais” e que a escola deve ajudar os alunos a desenvolver o pensamento crítico e criativo. Palavras do vencedor do Global Teacher Prize Portugal.

Texto Helena Gatinho • Foto Cátia Ribeiro e João Torres

Há 12 anos, fundou o “Clube do Ensino Experimental das Ciências” na Escola Secundária Fernão de Magalhães, em Chaves. Agora, Jorge Teixeira, professor de Física e Química no Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins, foi reconhecido com o Global Teacher Prize de Portugal. Em entrevista,

fala-nos dos atributos de um “bom” professor, revela como conseguiu levar as atividades laboratoriais ao pré-escolar e apela a uma reinvenção da escola. Que, garante, já acontece... todos os dias.

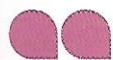
O que significa este prémio?

Apenas o reconhecimento do trabalho dos últimos 12 anos. O trabalho não se

centrou apenas no ensino formal, mas também no ensino não formal e na articulação com outros níveis de ensino.

Ser “o melhor professor do ano” é uma grande responsabilidade?

É uma responsabilidade enorme porque sinto que estou a representar colegas e escolas que têm profissionais excelentes.



O professor tem de ser dedicado, dar o melhor de si e estar sempre disponível para aprender com os alunos

O que é um bom professor?

Estamos perante uma das profissões mais complexas e não existem parâmetros rígidos para definir um bom professor. Os parâmetros variam de acordo com o local e a cultura de cada contexto, mas há domínios comuns que regem a boa prática docente. Um bom professor deve estar munido de competência científica e didática e ter a capacidade de comunicar. Deve ser orientador do seu aluno, incidir sobre o “porquê das coisas” e o “para quê” do seu esforço em aprender. Existem outros aspetos, como por exemplo o sentido de justiça, preocupações éticas no exercício da profissão, boa disposição, garantir o desenvolvimento integral dos alunos, etc.

Como se constrói um bom professor?

Em primeiro lugar, essa construção passa pela vontade do próprio. Tem de ser dedicado, dar o melhor de si e nunca deixar de ter curiosidade. Um bom professor constrói-se diariamente na relação com os alunos, na atualização científica e didática e na procura de diferentes formas de atuar. Deve estar sempre disponível para ouvir e aprender com os alunos. A acomodação não faz parte da sua filosofia de vida.

Como se cativa um aluno?

Inicialmente, através de atividades atrativas que façam pontes entre os conteúdos e a realidade dos alunos. Depois, através da utilização das ideias dos alunos no desenvolvimento de atividades e projetos, de modo a estimular a aprendizagem autónoma. Ouvir, questionar, dialogar e interagir com os alunos também é importante. Além disso, é preciso equilibrar o afeto com a autoridade, sem ser autoritário.

É-se professor por vocação ou pelo coração?

Para mim, vocação e coração são indissociáveis pois uma pessoa só sente vocação pelo que ama. Conseguir que os alunos se revolucionem a si próprios é uma vocação que exige especiais qualidades intelectuais e afetivas.

Quando descobriu que queria ser professor?

Aos 20 anos, quando estava a meio de uma licenciatura em engenharia. Acabei por terminar essa licenciatura e ingressar na Universidade de Trás-os-Montes como assistente estagiário, mas ao fim de três anos decidi tirar uma nova licenciatura via ensino.

Diz que ser professor é a sua “terapia”. Porquê?

A partir do momento que entro na sala de aula deixo os problemas à porta. Não pensar nos problemas durante algumas horas permite-me ter uma visão diferente dos mesmos e encontrar novas formas de os abordar.

Quais os principais “erros” dos professores portugueses?

A questão seria original se em vez de

principais “erros” mencionasse principais “qualidades”. No meu relacionamento com os alunos não me centro nos erros, mas nas qualidades. Contudo, um dos aspetos menos positivo dos professores é não divulgarem as suas boas práticas e prémios obtidos. Têm receio da crítica dos pares e da sociedade.

Criou um Clube do Ensino Experimental para conciliar o ensino formal com o não formal. Como se faz isto?

“OS PEQUENOS AGUARDAM COM EXPECTATIVA”

Depois de ter criado o Clube do Ensino Experimental, resolveu alargar o seu “espírito” ao pré-escolar e ao 1º ciclo. O projeto “Física e Química Experimental para os mais pequenos” nasceu no ano letivo 2015/2016 e a recetividade das crianças não podia ter sido melhor, garante. “A recetividade das crianças é excelente e tem implicações muito positivas ao nível da sua aprendizagem”, diz, revelando que os mais pequenos “aguardam com expectativa pelo dia da realização das atividades, participam de forma espontânea e ativa, conseguem fazer a transposição de conteúdos para contextos reais e são capazes de comunicar as suas aprendizagens”.



Jorge Teixeira é licenciado em Engenharia e em Física (ramo de Formação Educacional) e mestre em Física (Área de Especialização em Ensino). Iniciou a atividade profissional em 1993 como assistente estagiário no Departamento de Física da Universidade de Trás-os-Montes (UTAD) e, atualmente, é professor de Física e Química no Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins, em Chaves, formador do Centro de Formação da Associação de Escolas do Alto Tâmega e Barroso e colaborador do Laboratório de Didática de Ciências e Tecnologia, da UTAD. Publicou alguns artigos no âmbito do ensino experimental e venceu o prémio da melhor comunicação em forma de poster, com a comunicação “Aprender e ensinar Física com Instrumentos Antigos”, no 26.º Encontro Ibérico para o Ensino da Física, em 2016. Fundou há 12 anos, na Escola Secundária Fernão de Magalhães, o “Clube do Ensino Experimental das Ciências” com o intuito de conciliar o ensino formal com o não formal. Colabora com o projeto “Física e Química Experimental para os + pequenos” desde a sua criação, em 2015.



Não aceito uma escola onde os alunos chegam a perguntar “porquê” e ao fim de alguns meses deixam de o fazer

A conciliação destes dois ensinosa passa pelo desenvolvimento de atividades de modo a satisfazer a curiosidade, as necessidades, os interesses e as expectativas dos alunos. Inicialmente, são apresentadas no Clube do Ensino Experimental das Ciências (ensino não formal) atividades ilustrativas muito atrativas, que têm por objetivo reforçar o conhecimento conceptual exposto no ensino formal. Em paralelo às atividades ilustrativas são desenvolvidas atividades de apoio ao estudo como o esclarecimento de dúvidas e a preparação das fichas de avaliação, que permitem uma reflexão sobre os conteúdos lecionados no ensino formal. A fase seguinte passa pelo desenvolvimento de atividades investigativas e pela participação em projetos e concursos de forma a dar resposta aos alunos que demonstram vontade de testar e verificar ideias. O desenvolvimento de projetos é trabalhado no ensino formal e no Clube.

Como se aplicam estas práticas no pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico?

Primeiro, preparamos várias atividades no Clube e escolhemos aquelas que podem

ser implementadas nestes graus de ensino. De seguida, com a colega da educação pré-escolar, que trabalha em parceria connosco, faz-se a adaptação e a aplicação dessa atividade numa sala. A partir dos resultados dessa aplicação fazem-se adequações e a atividade é implementada em todas os jardins de infância e escolas do 1º ciclo do Agrupamento. Constroem-se guiões didáticos validados por educadores, professores do 1º ciclo e professores do ensino superior.

Como surgiu esta ideia?

Com frequência a colega da educação pré-escolar solicitava apoio relativamente às atividades laboratoriais que encontrava em livros. Constatou que as atividades desenvolvidas no Clube eram originais, interessantes e tinham potencial para serem aplicadas na educação pré-escolar e no 1º ciclo. Surgiu, assim, o projeto “Física e Química Experimental para os mais pequenos”, que aproveita os conhecimentos e as práticas do Clube.

Precisamos de uma escola nova?

Precisamos é de reinventar a escola. Não consigo aceitar uma escola onde os alunos chegam a perguntar “porquê” e ao fim de alguns meses de a frequentarem deixem de o fazer. A escola tem de ensinar os alunos a aprender ao longo da vida, a relacionar conteúdos com o mundo real e a estimulá-los a aprofundar as pesquisas para além da internet. Tem de ser uma escola que ajude os alunos a desenvolver o pensamento crítico e criativo, de modo a participarem ativamente na vida pública (científica, política, económica, social e cultural) e a tomarem decisões conscientes e bem fundamentadas. Todos os dias vejo professores a reinventar, de forma fantástica, a escola. ◻